
Pandemia e desigualdades

por Mariana Nascimento

É fato que a pandemia da Covid-19 afetou a vida de toda a população mundial. Com 490.853.129 casos confirmados e 6.155.344 mortes (OMS, 2022), a vida pós pandemia nunca mais será a mesma para ninguém. Porém, é possível observar que a pandemia não foi sentida por todos de forma igual. Desse modo, essa análise buscará explicar, a partir da interseccionalidade, as desigualdades por meio das taxas de vacinação mundial, dos números de mortes e contaminados por etnia, classe e gênero.

As diferentes taxas de vacinação nos países

Ao observar as taxas de vacinação percebemos que diversos países africanos, por exemplo, apresentavam taxas baixíssimas de imunização. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), apenas quatro países, no continente, apresentam mais de 100 vacinas aplicadas a cada 100 habitantes, sendo eles: Botsuana, Marrocos, Ruanda e Tunísia. De 193 países reconhecidos internacionalmente, apenas vinte e dois aplicaram menos de vinte doses a cada cem habitantes, desses países, dezessete ficam na África (OMS, 2022). De acordo com a diretora do Escritório Regional da OMS para África, Matshidiso Moeti, naquele momento, apenas 11% de toda a população estava completamente imunizada em fevereiro de 2022. A Organização das Nações Unidas (ONU) informou que a taxa de vacinação no continente precisaria aumentar em seis vezes para que a meta de 70% de população completamente vacinada fosse atingida.

Já nas Américas, o problema é diferente. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2022), embora a América Latina registre 63% de toda a sua população vacinada, a cobertura é extremamente desigual. Enquanto 14 países apresentam mais de 70% da sua população vacinada, os outros 14 não atingiram sequer 40% de cobertura vacinal. Além disso, a diretora da Organização, Carissa F. Etienne, se mostrou extremamente preocupada com a incerteza da extensão total da desigualdade já que os dados são limitados e não se sabe a real dimensão da vacinação (OPAS, 2022).

Ao comparar essas regiões com a Europa, percebemos uma clara desigualdade nas aplicações das vacinas no mundo, já que apenas 5 países europeus ainda não atingiram a taxa de 100 vacinas a cada 100 pessoas (OUR WORLD IN DATA, 2022). Essa nítida diferença afeta demasiadamente a vida das pessoas, uma vez que o mundo está caminhando rumo a um

“novo normal”, o que depende diretamente das taxas de vacinação. Assim, diversos países que ainda não atingiram taxas significativas de vacinação precisarão continuar com as restrições mais fortes, mas provavelmente enfrentarão dificuldades com a aceitação da população que está observando os outros países em direção contrária.

Contudo, a situação atual não deveria estar acontecendo de nenhuma forma, já que em 1978, na conferência de cuidados primários básicos das Nações Unidas, foi lançada a iniciativa Saúde para todos, cujo objetivo era deter a extrema desigualdade vista entre os países em relação às questões de saúde (MACLEAN; MARKS, 2020).

Os mortos têm cor e classe

De acordo com o relatório Health at a Glance da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2021), os idosos, as minorias étnicas e os mais pobres foram as maiores vítimas da Covid-19 (NEUMAN, 2021). Isso exacerba as disparidades da sociedade, porque, diferentemente dos idosos, a população pertencente às minorias étnicas ou a classes mais pobres não seriam naturalmente classificadas como grupo de risco.

Segundo o advogado e professor Silvio Luiz de Almeida (2018), na concepção institucional o racismo não se trata de atos individuais, mas sim do funcionamento das instituições que atuam sobre uma configuração que confere, mesmo que indiretamente, privilégios e desvantagens com base na raça. Os conflitos raciais compõem as instituições fazendo com que a desigualdade racial seja parte da sociedade.

No Brasil a desigualdade ficou clara ao perceber que embora pessoas brancas constituíssem 52% dos contaminados, enquanto pessoas pretas e pardas representavam 37% dos afetados, ao observar o índice de letalidade, os negros e pardos dispararam, compondo 45% das mortes confirmadas pela Covid-19. (AZEVEDO, M; COLY, S., 2020 apud Ministério da Saúde, 2020)

Investigando os dados, percebe-se que na maioria dos países a situação é a mesma: há maior número de mortes em regiões mais pobres e/ou compostas por minorias. Foi constatado pela OCDE (2021) que os riscos de infecção e maiores efeitos adversos para a saúde foram superiores em zonas carentes em países como Bélgica, Colômbia, Alemanha, Itália e Reino Unido. Na Inglaterra, especificamente durante o período de março e julho de 2020, o número de mortos foi 2.2 vezes maior nessas zonas comparadas às outras menos desfavorecidas.

Ainda, ameaças semelhantes foram enfrentadas pela população com menor renda na Bélgica, Coreia do Sul, Luxemburgo, Holanda e Suécia. Na Bélgica, a mortalidade desses indivíduos chegou a ser duas vezes

maior que a daqueles com maior renda. O maior efeito nas minorias étnicas foi notado no Brasil, Canadá, México, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos. Entre os brasileiros, embora a maioria dos contaminados fossem brancos, o risco de mortalidade para a Covid-19 foi 1.5 maior na população negra (OCDE, 2021). Os imigrantes também foram os que mais deram entrada nos hospitais em diversos países europeus, atingindo até três vezes mais admissões hospitalares na Noruega, de acordo com o mesmo relatório.

Desta forma verifica-se que “...houve um claro gradiente social, com pessoas desfavorecidas, aqueles que vivem em áreas carentes e a maioria das etnias minorias e imigrantes com maior risco de infecção e morte” (NEUMAN, 2021 apud OCDE, 2021).

O impacto nas mulheres

Durante o período pandêmico, a desigualdade de gênero foi agravada. O relatório sobre a disparidade de gênero, feito pelo Fórum Econômico Mundial (FEM) em 2021, observou um retrocesso no caminho da paridade em relação a 2020. Atualmente, a distância média para a paridade é de 68%, 0,6 pontos percentuais abaixo do que o observado no ano anterior (FEM, 2021). Já as projeções da Organização Internacional do Trabalho (AGÊNCIA BRASIL, 2021 apud OIT, 2021), indicam que, durante a pandemia da Covid-19, 5% das mulheres ficaram desempregadas, enquanto 3,9% dos homens perderam seus empregos.

No Brasil, o impacto nas trabalhadoras também foi enorme, já que o país atingiu o menor índice de participação de mulheres no mercado de trabalho em 30 anos (ZANATTA, D'AVILA, apud Jornal Nacional, 2020 apud Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada, 2020). Isso mostra que, em somente 7 meses de pandemia, as evoluções históricas conquistadas pelas mulheres no âmbito do trabalho sofreram retrocesso (ZANATTA, D'AVILA, 2020). Logo, existiam mais mulheres desempregadas do que empregadas nos primeiros meses de pandemia no país. Embora os homens também tenham sido afetados pelo desemprego, a queda na participação masculina no mercado de trabalho foi de 6 pontos percentuais em 2020, comparado a 2019, enquanto a queda da presença feminina foi de 7 pontos quando comparado ao ano anterior, evidenciando o agravamento da disparidade de gênero (ZANATTA, D'AVILA, 2020).

Ademais, a questão de gênero é agravada para aquelas mulheres que ainda estão empregadas na pandemia, já que essas representam 70% dos profissionais da saúde que atuam na linha de frente contra a Covid-19 (OMS, 2021). Além de estarem mais expostas ao vírus em hospitais, as mulheres também são maioria nos trabalhos que abrangem cuidados com idosos, serviços domésticos e outras atividades pouco remuneradas que não podem ser executadas a distância e, portanto, estão mais propensas tanto à dispensa de seus empregos quanto ao contato com o vírus.

Conjuntamente aos problemas relacionados ao trabalho, os índices de violência contra a mulher cresceram exorbitantemente. Segundo o secretário geral da ONU (2021), em certos países o número de ligações para centrais de apoio à mulher chegou a dobrar. O 21º relatório da Confederação Nacional dos Municípios (CNM, 2021) registra um aumento da violência doméstica em 20,3% dos municípios brasileiros. Para mais, faz-se necessário pontuar que o aumento real de casos deve ser muito maior, uma vez que a subnotificação, que já vinha sendo um problema anterior ao período pandêmico, se intensificou, e a conjuntura do isolamento social tornou a denúncia ainda mais difícil em razão da limitação do acesso a meios de comunicação a mulheres e meninas.

O isolamento trouxe ainda um acúmulo de carga para a figura feminina. Em pesquisa com mulheres empreendedoras, a ONU Mulheres constatou a reclamação de que “aumentou” ou “aumentou muito” a carga de tarefas com os filhos e filhas com cerca de 92% das que responderam à pesquisa, outras 85% fizeram a mesma contestação quanto ao aumento da rotina de cuidados com a casa, 74% perceberam um crescimento no afazer de ajudar com as tarefas de casa. Em contraste, 64% alegaram que “diminuiu” ou “diminuiu muito” o tempo que tinham para dedicar ao lazer ou ao autocuidado (ONU Mulheres, 2021).

Conclusão

Por fim, percebe-se que a pandemia da Covid-19 foi devastadora em diferentes níveis, especialmente para grupos minoritários. Para os países que estão atrasados no processo da vacinação, o “novo normal” provavelmente tardará a chegar, propiciando assim uma exposição maior da população a contaminação e, conseqüentemente, aos riscos de morte.

Para além disso, foi constatado que as minorias étnicas e os indivíduos de classes sociais mais baixas foram os que mais sofreram em relação às questões de acesso à serviços de saúde durante a pandemia, tornando-se um grupo de risco graças às disparidades presentes na sociedade. As mulheres sofreram profundamente no mercado de trabalho e dentro de casa, acumulando um número alto de demissões e regredindo no progresso que foi alcançado com o passar dos anos. Ainda, o isolamento social foi devastador no quesito violência contra a mulher, afinal, muitas acabaram confinadas com os próprios agressores e impedidas de denunciar a violência que sofriam.

Os abalos foram e ainda serão enormes, e uma grande parte deles está além do que essa análise é capaz de abordar, porém a partir dessa visão interseccional, é possível desenvolver um estudo mais completo sobre a pandemia, aumentando o escopo dos aprendizados para as Relações Internacionais.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Mundo perdeu 255 milhões de empregos na pandemia.** Correio do Estado. 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/mundo-perdeu-255-milhoes-de-empregos-na-pandemia/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural.** 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019.

AZEVEDO, M; COLY, S. **Pandemia do coronavírus acentua o racismo estrutural no Brasil.** Carta Capital. 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/pandemia-do-coronavirus-acentua-o-racismo-estrutural-no-brasil/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

MACLEAN, R; MARKS, S. **10 African Countries Have No Ventilators.** That's Only Part of the Problem. The New York Times. 18 abr. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/18/world/africa/africa-coronavirus-ventilators.html>. Acesso em: 03 abr. 2022.

NEUMAN, Camila. **Negros têm 1,5 vezes mais chances de morrer por Covid-19 no Brasil, diz OCDE.** CNN Brasil. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/negros-tem-15-mais-chance-de-morrer-por-Covid-19-no-brasil-diz-ocde/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

OECD; **Health at a Glance 2021:** OECD Indicators, 2021.

OPAS. **Com 14 países que ainda não vacinaram 40% de sua população, Américas continuam sendo região mais desigual do mundo na luta contra Covid-19.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-2-2022-com-14-paises-que-ainda-nao-vacinaram-40-sua-populacao-americas-continuam-sendo>. Acesso em: 5 abr. 2022.

ONU MULHERES. **ONU Mulheres avalia desafio das mães empreendedoras na pandemia Covid-19 e economia no país.** Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-avalia-desafio-das-maes-empendedoras-na-pandemia-Covid-19-e-economia-no-pais/#:~:text=Al%C3%A9m%20disso%2C%20%E2%80%9Caumentou%E2%80%9D%20ou,tempo%20dedicado%20ao%20lazer%20e>. Acesso em: 5 abr. 2022.

ONU NEWS. **Mulheres são as mais afetadas por pandemia e devem ser ouvidas sobre o futuro.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/07/1720901>. Acesso em: 5 abr. 2022.

ONU NEWS. **Taxa de vacinação precisa aumentar seis vezes para atingir meta na África.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/02/1778652>. Acesso em: 5 abr. 2022.

OUR WORLD IN DATA. **Coronavirus (Covid-19) Vaccinations**. Disponível em: <https://ourworldindata.org/covid-vaccinations>. Acesso em: 5 abr. 2022.

UFJF NOTÍCIAS. **Desigualdade de gênero em tempos de pandemia e isolamento**. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/04/06/desigualdade-de-genero-em-tempos-de-pandemia-e-isolamento/>. Acesso em 03 abr. 2022.

VALENTE, J; RODRIGUES, A. **Violência contra mulheres cresce em 20% das cidades da pandemia**. AGÊNCIA BRASIL. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/violencia-contramulheres-cresce-em-20-das-cidades-durante-pandemia>. Acesso em: 03 abr. 2022.

WHO. **WHO Coronavirus (Covid-19) Dashboard**. Disponível em: <https://covid19.who.int/?mapFilter=vaccinations>. Acesso em: 5 abr. 2022.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report 2021**. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/ab6795a1-960c-42b2-b3d5-587eccda6023/digest>. Acesso em: 03 abr. 2022.

ZANATTA, Amanda Cereza; D'ÁVILA, F. F. D. S. **AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELA MULHER PARA SE MANTER OU SE REINSERIR NO MERCADO DE TRABALHO NO PÓS-PANDEMIA DA Covid-19**. PUCRS, RS, v. 21, n. 1, out./2020. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/serpinf-senpinf/assets/edicoes/2020/arquivos/21.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2022.